

Autor: Gabriel Guimarães Borges

Escola: Centro Educacional Leonardo da Vinci

Endereço: R. Elias Tomasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia, Vitória - ES, 29055-660

Título: *Aos Amigos*

Estimados pais, irmãos, primos, tios, filhos e amigos - principalmente amigos,

Muito se diz, pouco se faz. A diferença, a discrepância, a desigualdade entre homens e mulheres continua viva como no tempo dos reis e rainhas. Por que ainda hoje, em pleno século XXI, mulheres ganham menos que seus colegas homens para execução de mesma tarefa? Por que teremos de esperar quase cem anos até que todas as jovens do mundo possam ter acesso a educação básica? Por que todos os anos milhares de meninas - não mulheres, meninas - são vendidas como animais, obrigadas a casar-se quando ainda brincam de bonecas? Meus amigos, há algo errado - muito errado. E, infelizmente, não é algo novo. As adversidades que nossas filhas, irmãs, primas, sobrinhas, mães e amigas enfrentam hoje são as mesmas enfrentadas pelas mulheres nos últimos séculos.

Venho, então, fazer-lhes um convite.

Prezados senhores, temos duas opções.

Podemos fazer como nossos pais e avôs, entendendo que as diferenças entre os gêneros e suas consequências não são problema nosso, e sim, das mulheres.

Por outro lado, podemos ver esse atual cenário como uma oportunidade de mudança - mudança essa que deve, necessariamente passar por mim e pelos senhores, afinal, do mesmo modo que o racismo não é uma questão apenas dos negros e outras etnias, o machismo não é uma questão apenas das mulheres que sofrem com ele.

Eu, pessoalmente, gosto muito dessa segunda opção, e espero que os senhores compactuem com meu pensamento. À primeira vista pode não parecer, mas o problema da desigualdade entre gêneros é tão nosso quanto delas. A violência, qualquer que seja sua forma, tem sempre dois lados, o agressor e o agredido.

Claro, não busco aqui generalizar, acusando-nos de agressores, afirmando que batemos em nossas esposas, menosprezamos nossas funcionárias e preparamos nossas filhas apenas para serem boas donas de casa. Não somos nós que fazemos isso.

Ou somos?

Talvez.

Mas a partir do momento em que optamos por ignorar as agressões por mais banais que pareçam, tornamo-nos igualmente responsáveis por essa violência.

Assim, apresenta-se como nosso dever engajar-nos nessa luta.

Sim, senhores, convido-os todos a engajarem-se nessa luta, juntando-se à causa feminista.

Esse pedido, por mais peculiar que possa parecer tem, - eu garanto - fundamento. Ser feminista, afinal, não significa odiar a nós, homens, longe disso. Ao contrário do machismo, o feminismo não prega a dominação de um gênero sobre outro. Esse movimento não aceita que coisas como educação e liberdade sejam direito exclusivo masculino. Desse modo, aplaudindo ideias como essas posso afirmar com segurança: sou um feminista.

“Um indivíduo que se diz homem, escrevendo como uma mulher? Não tem vergonha de posicionar-se como uma mocinha?” - Alguns dos senhores podem pensar.

Não, não tenho. E essa ideia machista de que a falta do cromossomo Y é sinônimo de fraqueza, nada mais é do que parte do preconceito imbricado na sociedade. Delegar atribuições e características intransferíveis a cada um dos gêneros é uma das táticas mais efetivas para perpetuar o preconceito. Velhas ideias como “homens não choram, os que o fazem não merecem fazer parte do grupo” e “mulheres devem ser boas esposas e donas de casa, as que não são configuram exceção à regra” ainda que repetidas à exaustão, são completamente falsas.

Para decepção dos “machos dominantes”, no entanto, essas ideias apresentam uma singela falha. O fato de sermos, independentemente do sexo, todos humanos, faz de nós mais semelhantes do que se parece. Nossas colegas, irmãs, primas e amigas são tão capazes quanto nós, por mais surreal que isso para alguns possa parecer. E, meus caros, se tamanha igualdade parece mais irreal do que deveria, devemos felicitar nossos pais e mestres. Afinal, a atual situação das mulheres nada mais é do que o reflexo de séculos de imposição e servidão sofridas no decorrer da história.

Mas isso está para mudar.

Não posso aceitar o fato de que serei parte de mais uma geração de homens que nada fez para assegurar às mulheres direitos como a liberdade, que deveriam ser fundamentais.

Senhores, temos diante de nós um desafio. Desafio esse que superaremos juntos, não apenas pelas mulheres como também por nós mesmos.

O que nos falta, entretanto, é um *modus operandi*. O que fazer? Como agir para de fato combater o preconceito? Perguntas como essas já são esperadas, e as respostas são, felizmente, mais simples do que se pode parecer.

Devemos, antes de mais nada, compreender que o preconceito está em todo lugar. E isso, por mais absurdo que pareça, não é algo fácil. Somos criados para enxergá-lo como algo natural. Desde pequenos vemos dentro de nossas casas um modelo que tende a se repetir. Há variações e exceções, claro, mas a situação é, em geral, deveras similar.

Nos lares brasileiros, é nítida a distinção entre a educação dada aos filhos e às filhas. Os primeiros têm licença para serem desorganizados, desleixados e trazerem mulheres para casa. Já as meninas não. As famílias de hoje ainda criam meninas usando como molde nossa antiga sociedade patriarcal. As moças devem ser delicadas, finas e, o mais importante: castas. Se os senhores duvidam da existência dessa diferença de tratamento, pergunte a qualquer pai se gostaria de ver sua princesinha namorar um rapaz como seu filho.

Uma característica desse modelo é a reprodução dos hábitos e funções dos pais e mães nos filhos e filhas, respectivamente. À primeira vista isso parece ser (e é, também) algo positivo. Contudo, observando com mais atenção esse fenômeno nota-se que ele é também prejudicial, já que proporciona a reprodução não apenas das características como também das funções de cada um dos genitores. Enquanto os meninos tendem a imitar o comportamento e temperamento (muitas vezes agressivo) do pai, às meninas acaba restando a conduta da mãe, muitas vezes passiva frente à problemas domésticos.

As consequências desse modelo são rapazes que crescem com a plena crença de que são superiores ao sexo oposto. Muitos creem que se em casa tinham mais direitos que uma irmã, nada mais natural do que ter mais direitos do que amigas ou colegas de trabalho.

“Então, sendo a culpa dos pais e mães, as mulheres também são responsáveis pelo problema?” - Pode algum dos senhores questionar.

A resposta, por mais abstrato que pareça, é sim. Como nós, as mulheres estão presas em uma sociedade que, ainda no século XXI, cultiva princípios patriarcais. Elas, desse modo, ajudam, mesmo que involuntariamente, a perpetuar o preconceito. Acabam, assim, tornando-se simultaneamente vítima e algoz.

A solução?

Re-educação do gênero.

De imediato, nos comprometemos a nos informar mais sobre como se manifesta a igualdade de gênero e como ela deve ser erradicada. Munidos dessa poderosíssima arma, nós, os homens feministas, lutaremos pelo fim desse problema em todos os lugares onde for possível - dos escritórios, onde todos devem ser igualmente remunerados por iguais funções, às ruas, onde todos poderão vestir-se como bem entenderem.

A real mudança, no entanto, só virá quando acompanhada de um novo modelo de criação. Não valerá de nada nosso esforço se continuarmos a tirar de nossas filhas direitos que damos com gosto aos nossos meninos. Enquanto não entendermos que a igualdade de gênero começa quando ambos os genitores são igualmente responsáveis pelas crias e pelo lar, nossa luta será em vão.

O fim da diferença é dever de cada um de nós.

Sendo assim, pela última vez lhes suplico.

Não podemos deixar que escorregue de nossas mãos mais uma chance de garantir a igualdade. Se somos a única voz que pode ser escutada, não é porque defendemos um gênero frágil, carente de proteção, mas porque a liberdade desse gênero foi preterida em favor de nossa dominância. Desse modo, temos uma obrigação moral, o dever de agir. Se não pelo gênero feminino, façamos então por nossas mães, irmãs e amigas, que sofrem e continuarão sofrendo com a desigualdade pelos próximos anos.

Se não hoje, quando? Se não nós, quem? A ação precisa ser imediata. Talvez esta mensagem não chegue a todos os senhores, mas, aos que leem esta súplica, o meu

convite. Sejam feministas, lutemos pela equidade de direitos entre homens e mulheres.

Acreditando no desejo de mudança,

Rodrigo S.M.